

VIDEO

Um filme que "vampiriza" a cinematografia

Já está nas locadoras "A Dama do Cine Shoguni", de Guilherme de Almeida Prado, vencedor do último Festival de Gramado. O filme lida com os clichês do "film noir".



Cena de "A Dama"

PAG. E-5

CINEMA

"As Aventuras de Chatran" chegam às telas

O filme "As Aventuras de Chatran", do diretor japonês Masanori Hata, estreia hoje no Rio-São Paulo, depois de obter grande êxito de bilheteria em todos os países em que já foi exibido. Da história do gato Chatran e seu companheiro, o baldeiro Pauli, não participa nenhum ser humano. Esse gênero de filme não é novo, foi explorado extensivamente pelos norte-americanos e teve seu apogeu nos anos 40. Com Chatran, o Japão mais uma vez consegue especificar uma invenção norte-americana.



Um dos gatos que fizeram o personagem Chatran

PAG. E-7

MÚSICA

Trio de música de câmara se apresenta hoje

O Artístico é a atração de hoje do 2º Festival Valcan de Música e garante um dos eventos mais expressivos da temporada de música de concerto. No programa, Beethoven e Mendelssohn.



Os integrantes do Artístico

PAG. E-8

Ilustrada

Quinta-feira, 19 de janeiro de 1989 — E. 1

FOLHA DE S. PAULO

Bienal define representação brasileira

Marchands e artistas falam das escolhas

Do Reportagem Local

A lista dos 24 artistas plásticos brasileiros participantes da 20ª Bienal Internacional de São Paulo, que será aberta em 15 de outubro, foi divulgada ontem pela curadora Stella Teixeira de Barros. Responsável pela ala nacional da exposição, ela contou com a assistência da Comissão de Arte e Cultura da Fundação Bienal. A relação confirma os 18 nomes divulgados com exclusividade de pela Folha em 24 de dezembro.

Mais de 80% dos artistas convidados residem no eixo Rio-São Paulo, sendo dez de São Paulo, dez do Rio e quatro moradores nos Estados de Minas e Pará ou no exterior, caso de Flávio Shiró e Sergio Camargo. Um dos artistas, Jorge Guinle, morreu em 1986 e será homenageado com uma retrospectiva de seu trabalho, cujo curador ainda não foi definido.

Durante a entrevista coletiva concedida ontem à tarde pela curadora, ela foi interrompida três vezes pela diretora da Fundação Bienal de São Paulo, Maria Rodrigues Alves, quando pretendia destacar o papel de Comissão de Arte e Cultura, presidida pelo artista plástico Luiz Paulo Baravelli, na seleção dos artistas. A diretora enfatizou que a única responsável pela seleção foi a curadora e que a comissão não tem poder de voto.

Depois de três meses de viagens pelas capitais brasileiras, a lista final de Stella Teixeira de Barros ficou assim: Amílcar de Castro, Anésia Pacheco e Chaves, Ana Bello Geiger, Carmela Gross, Carlos Vergara, Cláudio Meireles, Daniel Senise, Eduardo Sued, Emanuel Nassar, Ester Grinspum, Fábio Miguez, Flávia Ribeiro, Flávio Shiró, Frida Baranek, Hilton Berredo, Jac Leirner, Jorge Guinle, José Resende, Katie van Scherpenberg, Marco do Valle, Marcos Benjamin, Mônica Sartori, Nuno Ramos e Sergio Camargo. Cada artista terá uma sala especial para expor seus trabalhos e eles serão agrupados, provavelmente, por proximidade de linguagens, sendo a responsável pela seleção.

A curadora lamentou não dispor de mais tempo para viajar pelo país e ter limitado suas visitas às capitais dos Estados. Admitiu que houve discordância sobre nomes de alguns selecionados por parte de membros da Comissão de Arte e Cultura, mas que não se chegou a um "impasse violento". Disse que não havia refletido sobre a filiação artística dos escolhidos — a maioria realiza trabalhos abstratos — quando elaborou a lista e fez críticas à última Bienal, que, segundo ela, tinha uma montagem "complexa e de difícil leitura". O crítico Mark Berkowitz, 74, presente à entrevista, acrescentou que a 18ª Bienal era "ainda pior": "Os artistas eram pessimos", comentou.

Para mais informações sobre a representação brasileira no 20º Bienal Internacional de São Paulo veja pág. 3-2



FRIDA BARANEK

"Levarei um trabalho tridimensional à Bienal, mas o quê, como e de que material, não sei", conta Frida Baranek (foto), 27. Ela nasceu no Rio mas mora em São Paulo. Formou-se em Arquitetura e estudou

escultura com Tunga e João Carlos Goldberg no Parque Lage. Faz esculturas em chapas de ferro, vergalhões e pedras. Trabalha profissionalmente há três anos e não tem marchand.



FLAVIA RIBEIRO

"Para a Bienal devo levar telas pintadas, quase tridimensionais e telas recortadas em formatos ovais", diz Flávia Ribeiro (foto). Paulista, 34 anos, éba cursou a Escola Brasil e a Slade University

College de Londres. Estudou ainda com Dudi Maia Rosa. Tem trabalhos no MAM do Rio e na Pinacoteca de SP. Seu marchand é Joca Milán e suas obras custam entre NCr\$ 500 e NCr\$ 2 mil.



JAC LEIRNER

"Não acho que exista muita graça em contar o que vou expor na Bienal", diz o paulista Jac Leirner (foto), 21. "Tenho trabalhado com a ideia do erro, que já reverteu em texto, escultura e gravação", disse.

Jac graduou-se em artes plásticas na Faap, onde lecionou desenho. Seus marchands são Joca Milán e Franco Terranova. Suas obras estão avaliadas entre US\$ 1 mil e US\$ 5 mil (NCr\$ 1 mil a NCr\$ 5 mil).



ESTER GRINSPUM

A pernambucana Ester Grinspum (foto), 31, mora em SP há 25 anos. Deve levar para a Bienal o trabalho que desenvolve agora. "É uma continuação, entre o desenho e a escultura, da série dos chapôs e o

tempo", disse. Formou-se em Arquitetura na USP, onde trabalhou com Flávio Império, Renina Katz e Flávia Motta. Paulo Figueiredo é seu marchand. O preço de sua obra vai de NCr\$ 617 a NCr\$ 1,54 mil.



DANIEL SENISE

Daniel Senise (foto), carioca de 23 anos, nada revela sobre o que pretende levar à Bienal: "Só vou pensar nisso quando receber um convite oficial", disse. Ele estudou no Parque Lage. Trabalha profissio-

nalmente há 18 anos e hoje prefere como técnica óleo ou acrílica sobre tela. Tem trabalhos no MAC e no MAM de São Paulo. Seu marchand é João Salami e o preço médio de suas obras é US\$ 400 (NCr\$ 400,00).



NUNO RAMOS

Nuno Ramos (foto), paulista de 28 anos, pensa em levar para a Bienal quadros de 2,5m x 2m. "Aí depende do espaço. Serão quadros sem figura, tem muita matéria, cerca de 40cm de relevo", disse. Ele usa

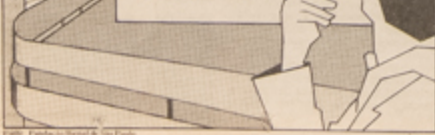
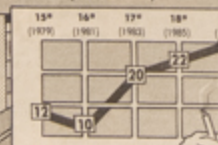
encáustica. Graduou-se em filosofia na USP e participou do ateliê da Casa 7, João Salami e seu marchand. Seus trabalhos estão avaliados entre US\$ 1.000 a US\$ 2.500 (NCr\$ 1.000 a NCr\$ 2.500).

Indifolha

Editoria de Arte

CRESCER A REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NA BIENAL DE SÃO PAULO

(nº de artistas)



SERGIO CAMARGO

O escultor Sergio Camargo (foto), 58, não tem ainda projetos para a Bienal: "Não sei o caráter da mostra, pode ser uma retrospectiva", disse. Ele nasceu no Rio e divide-se entre os ateliês de Jacarepaguá e Parma, na Itália. Esculpe mármore e madeira. Tem obras em



JOSÉ RESENDE

alguns dos principais museus do mundo. Estudou com o Lúcio Fontana em Buenos Aires e com Brancusi em Paris. Trabalha há 38 anos e hoje faz esculturas em mármore. Suas obras estão avaliadas entre US\$ 3 mil e US\$ 30 mil (de NCr\$ 3 mil a NCr\$ 30 mil).

José Resende (foto), 44, nasceu e vive em São Paulo. Formou-se em arquitetura pela Universidade Mackenzie em 1967 e estudou desenho com Wesley Duke Lee entre 63 e 65. Atualmente está trabalhando com neobau marchand. Em sua última exposição, no Subdistrito, suas obras

foram vendidas entre US\$ 4 mil e US\$ 6 mil. Tem obras no acervo do MAC e do MAM-SP, além do Hakane Open-Air Museum (Japão). Ainda não sabe o que vai expor na Bienal e até ontem não tinha sido oficialmente convidado. Representou o Brasil na Bienal de Veneza, em 88.

Brasileiros na 20ª Bienal



MARCOS BENJAMIM

"A Bienal tem mais a ver com objetos do que com pintura. Pretendo realizar uma instalação, uma grande casa de fazer, misturando coisas muito pequenas e muito grandes", adianta Marcos Benjamim (foto), 36. Ele nasceu em Natividade (MG) e vive em Belo Horizonte há 18 anos. "Minha formação foi a história em quadrinhos e a carpintaria", diz. Cria objetos de sucata, latão e madeira, além de pintar sobre tela. Manoel Macedo e Ana Maria Niemeyer são seus marchands. O preço de sua obra vai de NC\$300 a NC\$700.



MÔNICA SARTORI

"Para a Bienal penso em fazer uma coisa grande e limpa, sem, para que a pessoa tenha um momento de silêncio à sua frente", diz Mônica Sartori (foto), 31 anos. "As dimensões seriam superiores a 2,5m e a cor preta, predominante", acrescenta. Ela nasceu em Belo Horizonte, onde formou-se em Belas Artes. Estudou joalheria com Márcio Mattar. Trabalha há quatro anos em desenhos em grafite. Fátima Pinto Coelho, de Belo Horizonte, é sua marchande. Suas obras custam NC\$130 a metro linear e seu preço varia entre NC\$100 e NC\$400.



FÁBIO MIGUEZ

Fábio Miguez (foto), 27, estudou arquitetura na USP, onde fez suas primeiras exposições. Aprendeu gravura em metal com Sérgio Fingermann e formou, em 82, o ateliê Casa 7 com mais quatro artístas. Em 88, Miguez foi o artista plástico mais jovem da 18ª Bienal de São Paulo. Participou de diversas exposições coletivas em SP. Sua técnica predominante é o esmalte sintético sobre papel em grandes superfícies. Atualmente, Fábio Miguez é artista exclusivo da galeria Paulo Figueiredo. Ele não foi localizado ontem para contar seus projetos.



AMILCAR DE CASTRO

"Para a Bienal estou pensando em duas esculturas de 2,5m ou dez colunas de cristal e aço com base de 30cm e 1,80m de altura", diz Amilcar de Castro (foto), 68 anos. Ele nasceu em Paraisópolis (MG) e vive em Belo Horizonte. Formado em Direito, foi aluno de Alberto da Veiga Guignard. Faz esculturas em ferro e desenhos em nácarim e tinta acrílica. Tem obras no MAM e na Pinacoteca de São Paulo e na praça da Sé. Seus marchands são Rachel Arnaud em São Paulo e Thomas Cohn no Rio. Suas obras custam entre NC\$300 e NC\$25 mil.



HILTON BERREDO

"Estou projetando para a Bienal seis peças de 2,5m por 2,5m e uma de 2,5m por 5m. São figuras de placa de borracha coladas, no meio caminho entre a escultura e pintura", adianta Hilton Berredo (foto), 34. Ele nasceu no Rio, onde frequentou o curso de arquitetura. Foi aluno de seu primo Flávio Berredo, de Sérgio Campes Meira, Aluísio Carrão e, em Nova York, de Keith Sonnier. Tem trabalhos no Museu Siedelick, em Amsterdã, e no MAC do Rio. Seu marchand é Thomas Cohn e suas obras custam entre US\$500 e US\$4.000 (NC\$500 a NC\$8 mil).



CILDO MEIRELES

"Penso em trazer da Bélgica, onde vai estar exposta até agosto, a instalação 'Através', de 50 metros quadrados, que tem uma lista interminável de itens", conta Cildo Meireles (foto), de 60 anos. Ele nasceu no Rio, frequentou o ateliê da Fundação Cultural do Distrito Federal e não terminou o curso na Faculdade de Belas Artes do Rio. Estudou com Felix Barrenechea. Faz instalações, pinça e esculpe. Luísa Strina é sua marchand; sua obra mais barata é o "zero dólar", de US\$5 (NC\$5), e as mais caras chegam a US\$40 mil (NC\$40 mil).



CARMELA GROSS

Carmela Gross (foto) pensa em expor na 20ª Bienal de São Paulo "formas abstratas e telas recortadas em formas irregulares", conforme definiu. Carmela nasceu em São Paulo, há 42 anos, onde graduou-se em 1969 no primeiro curso de artes plásticas da Faap. Hoje é professora da ECA/USP. Costuma usar chumbo, latão e madeira em objetos e tinta acrílica sobre tela. Tem trabalhos no MAC e na Pinacoteca de São Paulo. Sua marchande é Regina Bossi, o preço de suas obras varia entre NC\$1,54 mil e NC\$2,46 mil.



ANA BELLA GEIGER

"Tenho algumas obras separadas, como duas telas de 2,10m por 1,40m, que posso levar para a Bienal", diz Ana Bella Geiger (foto), 55. Ela nasceu no Rio, onde estudou com Fayga Ostrower entre 50 e 53. cursou história da arte com Hanna Lewy no Metropolitan Museum of Art de Nova York em 54. Pintou com óleo ou acrílica sobre tela. Tem obras no Museu Nacional de Belas Artes de Nova York, no Beaulieu de Paris e Victória & Albert Museum de Londres. Seu marchand é Vitor Arruda. Suas obras custam entre NC\$3,7 mil e NC\$4,9 mil.



EDUARDO SUED

O pintor carioca Eduardo Sued (foto), de 63 anos, está pensando em mandar para a 20ª Bienal de São Paulo quadros recentes e de grandes dimensões (cerca de 2m x 2,5m). "Essa é minha intenção, mas pode mudar", avisa ele. Sued foi aluno do pintor Henrique Boese em 1949. Entre 51 e 56 estudou nas academias Julien e Grande Chaumière de Paris. Pintou em óleo sobre tela e tem como marchands Thomas Cohn, no Rio, e Luísa Strina em São Paulo. Suas obras custam entre US\$2 mil e US\$12 mil (NC\$2 mil a NC\$18 mil no câmbio oficial).



EMANUEL NASSAR

"Quero usar o espaço na Bienal para uma instalação com objetos e quatro ou cinco telas grandes. O tema é a visualidade popular, a cor dos parques de diversão, da propaganda dos subúrbios, do circo", adianta Emanuel Nassar (foto), 40. Ele nasceu em Capoteneta (Para) e vive há 35 anos em Belém. Graduiu-se em arquitetura em 75 e é professor de artes plásticas. Como técnica, usa tinta acrílica sobre tela, madeira e metal. Tem trabalhos no MAC-SP. Luísa Strina e Thomas Cohn são seus marchands e suas obras custam entre NC\$500 e NC\$1,5 mil.



KATIE VAN SCHERPENBERG

Katie van Scherpenberg (foto), 48, nasceu na Holanda e mora no Rio, onde aos 18 anos iniciou estudos de pintura com C. Barattelli. Em 1961 foi para a Academia de Artes da Universidade de Munique (Alemanha). Em Salzburgo (Austria) estudou com Oscar Kokoschka. Teve aulas de gravura no MAM-RJ, onde passou a lecionar desde 1963. Tem obras no Museu Nacional de Belas Artes do Rio. Trabalha principalmente com óleo sobre tela, sendo também gravurista e desenhista. A artista não foi localizada ontem para falar de seus projetos.



FLÁVIO-SHIRO

Flávio Shiro (foto), 60, nasceu em Sogoporo (norte do Japão) e veio para o Brasil com quatro anos. Mora em Paris desde 1965 e mantém um apartamento no Rio. Nos anos 50 conviveu com o grupo Santa Helena em São Paulo, e fez parte do Grupo dos 19. Estudou na Escola Profissional Getúlio Vargas, em São Paulo. Tem cerca de 200 obras no Brasil em coleções particulares. Usa a técnica de óleo sobre tela. Já participou das Bienais de São Paulo em 83 e 85. Seus quadros estão avaliados em US\$5 mil e US\$15 mil (de NC\$5 mil a NC\$15 mil).



CARLOS VERGARA

Carlos Vergara (foto), 48, nasceu no Rio Grande do Sul e vive atualmente no Rio. Estudou química e fez artesanato em prata antes de se dedicar à pintura. Faz parte da chamada "Geração de 60". Vende suas obras através do Gabinete de Arte de Raquel Arnaud, em São Paulo. Realizou exposições em todo o país e no exterior — como em Paris (1972) e Londres (1985). Utiliza a técnica de acrílico e vinil sobre tela. Seus quadros custam cerca de NC\$1.400,00 o metro linear. Vergara não foi localizado ontem para adiantar o que deverá expor na Bienal.



ANÉSIA PACHECO E CHAVES

Anésia Pacheco e Chaves (foto) ainda não sabe o que levará para a Bienal. "Mas, como sempre, vou trabalhar com resíduos da identidade feminina", diz. Ela nasceu em Paris há 56 anos e vive em São Paulo desde os três. Estudou com Di Cavalcanti e fez curso de história e crítica da arte no Louvre. Ainda em Paris, obteve orientação no ateliê de Fernand Léger. Nunca trabalhou com marchands e tem obras no MAC e no MAM do Rio. Seu trabalho é considerado pouco comercial e na sua última exposição, em 87, vendeu uma só obra (por US\$2 mil).



JORGE GUINLE FILHO

O único artista já morto que estará na representação oficial do Brasil na próxima Bienal é Jorge Guinle Filho (foto). Ele nasceu em Nova York em 1947 e morreu em 1986. Morou 12 anos em Paris. Estudou como pintor em 1960 no Rio de Janeiro. A partir de 1982, Guinle passou a expor na galeria Luísa Strina, em São Paulo. Tem cerca de 200 obras no Brasil em coleções particulares. Usa a técnica de óleo sobre tela. Já participou das Bienais de São Paulo em 83 e 85. Seus quadros estão avaliados em US\$5 mil e US\$15 mil (de NC\$5 mil a NC\$15 mil).